



INOVAR

APRENDER

DIVULGAR

COLABORAR



CONSELHO
NACIONAL DE
EDUCAÇÃO

Título

DICA: Divulgar, Inovar, Colaborar, Aprender – 2023

Direção

Domingos Fernandes, Presidente do Conselho Nacional de Educação

Coordenação

Domingos Fernandes

Aldina Lobo

Organização

Adélia Lopes

Aldina Lobo

Ana Sérgio

Fernanda Candeias

Apoio à coordenação

Cristina Brandão

Rita Vinhas

Apoio administrativo e financeiro

Paula Barros

Expedição

Ana Estríbio

Autores

Vários

Os textos, incluindo imagens, são da responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a posição ou orientação do CNE.

Editor

Conselho Nacional de Educação (CNE)

Design gráfico

Providência Design

Impressão

Greca – Artes Gráficas

Tiragem

500 exemplares

1.ª Edição

dezembro de 2023

ISSN

2975-9951

Depósito legal

526051/23

Agradecimentos

O Conselho Nacional de Educação

agradece a todos quantos deram o seu contributo para a presente publicação, a título individual ou institucional, designadamente:

aos biografados Alcina Mendes, Sónia Pereira, Olga Antunes, Carlos Louro e respetivos participantes. A saber, diretores, ex-diretores, equipas de direção, professores, alunos, funcionários, encarregados de educação e familiares;

ao Agrupamento de Escolas de Cister e à Escola Secundária Henrique Medina, em particular às equipas de direção, ao pessoal docente e não docente, aos alunos, encarregados de educação, coordenadores das estruturas de gestão intermédia e presidentes dos conselhos gerais;

aos presidentes, comissários ou coordenadores do Plano Nacional de Leitura (PNL), da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), do Plano Nacional das Artes (PNA), da Associação Portuguesa de Educação Musical (APEM), da Associação Portuguesa de Educação em Ciências (APEduC), da Associação Cantar Mais (ACM), da Associação Nacional de Professores de Educação Visual e Tecnológica (APEVT), do Nuclio – Núcleo Interactivo de Astronomia (NUCLIO) e da Associação Ludus.

A todos agradece-se o compromisso, o empenho e o diálogo mantidos com o CNE, nas diferentes etapas do processo, o que permitiu chegar à primeira publicação do projeto *DICA: Divulgar, Inovar, Colaborar, Aprender – 2023*.

PERCURSOS DICA

A Alcina está para as "cruzadas"!

Aldina Lobo e António Dias

Dizer e fazer

Ana Rodrigues

A alquimia da liderança: competência, compromisso e confiança

Ana Sérgio

As vozes que a vida do diretor abarca

Ana Rodrigues e António Dias

As forças de um território educativo: visão, missão e ação

Ana Sérgio, Marta Procópio e Rute Perdígão

Eu sou Medina

Aldina Lobo, Conceição Gonçalves e Ercília Faria

DIZER E FAZER

ANA RODRIGUES



Um dia que crie uma escola trago a comunidade toda para o seu interior.

Sónia Pereira

A presente narrativa biográfica relata o percurso e a prática educativa da professora Sónia Pereira, docente do 1.º ciclo do ensino básico, da Escola Básica Manuel António Pina, do Agrupamento de Escolas Escultor António Fernandes de Sá, em Vila Nova de Gaia.

O que é dito é o que é feito – esta é uma marca distintiva da professora. O seu pensamento sobre educação está em sintonia com a sua prática e reflete-se dentro da sala de aula, quer nas atividades propostas, quer na forma como as mesmas decorrem.

Do sonho à prática

Nascida no Porto em 1978, iniciou o percurso escolar na Escola Básica dos Moutidos (Águas Santas, Maia), dado que, à época, Ermesinde não tinha escola primária. O percurso seguinte foi realizado em Ermesinde, sempre em escolas públicas, até iniciar a formação na Escola Superior de Educação Jean Piaget, onde se licenciou em Ensino Básico – 1.º Ciclo. Na Escola Superior de Educação do Porto, o Curso do Ensino Básico *encontrava-se encerrado, à época* (E1).

Sempre quis ser professora, fazia parte do seu ideário, ainda que até ao 12.º ano de escolaridade tenha frequentado a área de ciências e se tenha candidatado ao curso de enfermagem, no ensino superior público, ao mesmo tempo que se candidatava à licenciatura em ensino básico, no ensino superior privado. Com dezoito, dezanove anos tomou a primeira grande decisão da sua vida, optando pela licenciatura em ensino básico em detrimento do curso de enfermagem, no qual também tinha conseguido vaga.

Abraçar uma profissão na área do cuidado e do bem-estar estava de acordo com o seu perfil. Considera que sempre foi muito protetora dos irmãos mais novos, de quem muitas vezes tomava conta, e com quem mantém ligação até hoje. Refere que o irmão mais novo admite que o seu percurso foi feito, de certa forma, à custa do exemplo da irmã.

No seu percurso de vida, agradece à D. Rosário (a ama) e à família desta que a tratavam como filha e que lhe proporcionaram memórias extraordinárias, quer no período de férias, quer nos almoços servidos debaixo das varandas à porta da escola nos dias de chuva, para que não tivesse de percorrer, a pé, o caminho até casa para almoçar.

No seu percurso escolar existiram alguns professores *muito inspiradores*, particularmente os que permitiam que os alunos falassem.

Olhando para trás, considera que a sua instrução primária foi muito diferente da de outros colegas, pois apesar de estarem

todos naquelas mesas, sentadinhos e de nos levantarmos quando alguém importante chegava e de cantarmos o hino de manhã, lembro-me de virmos muitas vezes para fora da sala de aula, para o campo, trabalhar, ou então para a mata (...) e isso, para mim, foram as maiores aprendizagens do primeiro ciclo e essas são as principais recordações que eu tenho. (E1)

Recorda que era uma criança muito introvertida e que, para além do teatro, da dança, da música, teve muita gente que a ajudou a ultrapassar a sua timidez e inseguranças, dotando-a de ferramentas que a tornaram mais segura. E prossegue com a referência ao momento em que pisou o palco pela primeira vez. Saiu do palco por se ter enganado na coreografia. Nesse momento, foi consolada pela professora de dança, referindo-lhe que todos falham. Incentivou-a a limpar as lágrimas e a voltar ao palco, algo que não foi capaz de fazer nesse dia. Percebeu, anos mais tarde, que a atitude da professora lhe

foi dando confiança para eu perceber que consigo e consegui. Na segunda vez já estive no palco e na terceira e na quarta e nas vezes todas seguintes e falhei muitas vezes, mas consegui perceber que falhei e que consegui. (E1)

Este é um episódio que partilha muitas vezes com os seus alunos.

Já no ensino superior foram marcantes a professora Ariana, o professor Rui e a professora Dulce, que, pela sua visão, a incentivaram a pesquisar e explorar novas formas de abordagem pedagógica.

Estagiou na Escola Básica da Gandra, Ermesinde, mas admite que essa experiência não lhe foi muito vantajosa, pois não se identificava com o que via. *Era um modelo muito tradicionalista. O meu estágio não foi aquele momento que me marcou* (E1).

O seu percurso profissional iniciou-se no ano 2000, apenas com bacharelato, numa escola no meio de um bairro do Porto. Nas suas palavras, este foi *um ano um bocadinho complicado*. Nesse ano, além da turma de ensino básico em horário normal, lecionou ainda o ensino recorrente no bairro de Aldoar, numa turma constituída por adultos que usufruíam do rendimento mínimo. A experiência foi grande, *tinha alunos dos 30 aos 75, 76 anos*, principalmente de etnia cigana: *foi um desafio, era o desafio de começar, era o desafio dos mais pequenos e mais crescidos, mas terminei e gostei bastante. Naquela altura percebi que, apesar de difícil, era este o caminho que eu queria* (E1).

Recorda que a experiência na turma do 1.º ano do ensino básico foi *espetacular*. Trabalhava a par com a professora Teresa que usava a metodologia “ensinar é investigar” e partilhava muito do que fazia, despertando o seu interesse por aquele modelo de trabalho, centrado no aluno, no seu saber, e no que ele partilha com o professor segundo os seus interesses. *Fiquei a ganhar com esta experiência* (E1), apesar do ambiente difícil daquelas crianças.

Seguiu-se uma escola no concelho de Penafiel e o ensino recorrente no Porto, depois uma escola em Ermesinde e, no quarto ano de trabalho, ingressou no Quadro de Zona Pedagógica de Leiria. Estávamos em 2004. Um problema com os concursos colocou-a numa escola no Porto. Desde 2005 que leciona no município de Vila Nova de Gaia: oito anos no Agrupamento de Escolas Soares dos Reis e, desde então, no Agrupamento de Escolas Escultor António Fernandes de Sá. Neste agrupamento, onde se encontra há catorze anos, passou por dois

Assume que todos os dias entra na escola satisfeita e feliz.

estabelecimentos de ensino – Escola Básica de Gervide e a Escola Básica Manuel António Pina.

A chegada ao Agrupamento de Escolas António Fernandes de Sá marca uma viragem – *Decidi ali mudar* (E1). Sentiu muita necessidade de realizar formação e continua a fazê-la, até hoje, *para todos os dias estar com os seus alunos da melhor forma possível*. Nas suas palavras, *o primeiro ciclo, apesar do meu encantamento todo, assustou-me* (E1). A questão era: como trabalhar em conjunto tanta diversidade de aspetos?

A sua perseverança e sentido de missão, baseados na crença absoluta de que a sua ação poderá fazer a diferença na vida das crianças (dos seus alunos), movem-na profissionalmente, na busca de mais formação ou de novas formas de abordagem. Procura incessantemente respostas para os problemas com que se vai deparando. Assume que todos os dias entra na escola satisfeita e feliz.

Num primeiro momento, fez formação na área de gestão das emoções, por considerar que era importante incluir esta componente na sua prática diária em virtude das situações complicadas com que se defrontava (alterações das estruturas familiares – monoparentalidade – mais do que duas mães ou pais e os respetivos

namorados). Fez também formação na área da psicologia e gestão de conflitos. Durante três anos realizou formação em projetos de dramatização da leitura e projetos de colocação de voz no Teatro Nacional de São João. Considera que estas formações são muito importantes para a sua prática diária, uma vez que *nós, no primeiro ciclo, somos tudo. Trabalhamos as áreas todas e ninguém se sente capaz de trabalhar as áreas todas se não for fazendo formação* (E1). As formações que foi fazendo trazem-lhe *muito boas memórias e muita capacitação curricular e pedagógica*.

É já no decorrer do percurso profissional que decide realizar o mestrado em Administração de Organizações Educativas. O facto de ter integrado equipas de coordenação educativa e a experiência no conselho geral, em representação dos docentes, no qual se mantém como presidente há sete anos, estão na origem da decisão de realizar este mestrado. A possibilidade de vir a dirigir um agrupamento não é colocada de parte,

a direção pode transformar a escola, mas ainda estou nesta fase de perceber se a minha linha será a continuidade, porque eu gosto muito da escola e da sala da aula. De estar com os alunos (...) ainda tenho pelo menos mais 15 anos para trabalhar com alunos e depois penso em estar à frente de um agrupamento. (...) Gosto muito do trabalho que faço com os alunos (...) tenho de estar numa idade mais lá para a frente, para eu poder encarar esse desafio. Fiquei com o mestrado e agora vamos ver o que faço com ele. (...) Ainda quero aproveitar muito a sala de aula. Sinceramente, acho que ainda tenho muito para dar. (E1)

Nada é novo, mas tudo mudou

A docente implementa há alguns anos, na sua comunidade, métodos de aprendizagem cooperativa cuja eficácia, quer na aquisição de competências cognitivas, quer na aquisição de competências de relacionamento interpessoal, é demonstrada pela evidência da investigação. Trata-se de um conjunto de técnicas de trabalho em grupo que permite aos alunos acederem a conteúdos curriculares ao mesmo tempo que adquirem competências sociais.

Contudo, esta metodologia continua a ser pouco utilizada, sendo muitas vezes confundida com trabalho de grupo. *Aprender de forma cooperativa implica aprender com recurso ao trabalho em grupo, embora nem todas as aprendizagens realizadas em grupo possam ser consideradas trabalho cooperativo* (Silva, Lopes & Moreira, 2018).

O modelo de ensino baseado na aprendizagem cooperativa implica o desenvolvimento de um trabalho colaborativo entre professores (do mesmo ano ou ciclo, de vários ciclos e níveis de ensino ou de diversas áreas disciplinares), entre professores e alunos, bem como dos alunos entre si.

As diferentes técnicas da aprendizagem cooperativa afiguram-se adequadas para a planificação dos Domínios de Autonomia Curricular (DAC), que podem envolver duas ou mais disciplinas ou áreas disciplinares.

O início da implementação destas metodologias aconteceu no Agrupamento de Escolas António Fernandes de Sá quando, ao cruzar-se com a professora Sónia¹, ouviu falar da aprendizagem cooperativa, inspirada nas teorias cognitivista, comportamentalista e de interdependência social. Interessou-se logo pelo assunto. Para a teoria cognitivista as aprendizagens decorrem das interações entre os elementos do grupo, quando os indivíduos cooperam. Segundo a teoria comportamentalista, a aprendizagem depende da motivação dos alunos para a

¹ Mentora do Projeto COOPERA

realização da tarefa. Na perspetiva da interdependência social é a consciência de grupo que impele os alunos a entreatudarem-se para que todos tenham a possibilidade de melhorar individualmente a sua aprendizagem.

Influenciada pela professora Sónia, iniciou a formação sobre aprendizagem cooperativa². Esta realizava-se entre um grupo de professores com quem a professora Sónia partilhava a sua experiência e a sua formação. O que lhes transmitia fazia muito sentido e assim começou também a sua formação até surgir o Projeto COOPERA. *O meu interesse pela aprendizagem cooperativa foi despoletado por ela. A professora Sónia sempre me puxou* (E1).

Neste período de formação surgem as comunidades de aprendizagem, em que um conjunto de professores se junta, para lá da formação, e aplica o que aprende na sala de aula. É neste contexto de formação e de comunidades de aprendizagem cooperativa que surge o Projeto COOPERA³.

O Projeto COOPERA e a aprendizagem cooperativa trazem-nos para além da formação, a integração desta formação em contexto de sala de aula com a própria professora Sónia a acompanhar e a ver o trabalho que era feito, como um conjunto de métodos, de técnicas que nos ajudam a promover aquilo que eu acho que é essencial aos nossos alunos, que são as competências sociais mais do que tudo. (E1)

As suas turmas foram turmas experimentais no âmbito do projeto. O Projeto COOPERA teve como base a aprendizagem cooperativa e

consistiu na implementação de um programa de intervenção durante o biénio 2016/2017-2017/2018 que visava a promoção da qualidade da aprendizagem e do sucesso educativo, apostando numa mudança de paradigma no contexto de sala de aula, em alternativa ao ensino tradicional, através da utilização de métodos ativos de ensinoaprendizagem. (Silva, Lopes & Moreira, 2018, p.3)

O contacto com o Movimento da Escola Moderna (MEM), proporcionado por colegas que com ela se cruzaram aquando da realização do mestrado, levou-a a interessar-se, igualmente, por esta metodologia e a iniciar uma formação que se prolongou até hoje. O seu interesse foi também despertado pelo contacto com alunos que chegavam da educação pré-escolar e que demonstravam competências distintas: expressavam-se com clareza, apesar da tenra idade – *sabem estar, sabem ouvir, são mais seguros e sem medo de se expor e sem medo do que o outro vai pensar sobre o que dizem* (E1). Veri-

Vamos ganhando muito uns com os outros... (E1)

ficou que estes provinham do grupo de uma educadora específica, Margarida, que segue as práticas do MEM. A curiosidade da professora por esta forma de trabalhar aumentou. *Ela apresentou-me o Movimento da Escola Moderna*, apesar de reconhecer já ter ouvido falar deste movimento durante a sua formação inicial.

Outra nota distintiva da professora Sónia é o seu ecletismo na seleção de abordagens pedagógicas. Tem um repertório de estratégias que lhe permite convocar as melhores, as mais adequadas ao momento, ao grupo, à oportunidade de aprendizagem que quer proporcionar. O saber constrói-se como um todo, surge da necessidade do momento e das vivências das pessoas com quem se interage.

² Consiste em organizar o ensino e a aprendizagem de modo a que os alunos assumam diferentes papéis e aprendam a partilhar entre si o conhecimento e as tarefas que proporcionam a sua aquisição. Deste modo, a comunicação entre pares e entre professor e alunos fica facilitada, o que permite identificar mais facilmente as eventuais dificuldades de alguns alunos.

³ O Projeto COOPERA decorreu da constituição de uma Comunidade de Aprendizagem (15 professores dos três ciclos do ensino básico) que frequentou uma oficina de formação em contexto (acreditada pelo CCPFP), no ano de 2015/2016, designada “Comunidades Cooperativas de aprendizagem Profissional”.

Ao fim de vinte e três anos, a professora reconhece que *o seu percurso se fez de um conjunto de procura de formação* (E1), que fez e faz sentido realizar. Neste percurso formativo, evidentemente, houve formações com que se identificou mais, outras menos, mas permitiram-lhe recolher muitas influências de colegas com quem se cruzou pelo caminho – *vamos ganhando muito uns com os outros* (E1), conclui.

Vou tentando que a escola dos meus alunos não seja a escola que eu tive. (E1)

Hoje consegue ver uma grande diferença entre os alunos e considera-se, ela própria, uma pessoa diferente na forma como está na profissão e como olha para a escola. Ainda que pareça que a escola é a mesma, ela mudou, uma vez que a sociedade também mudou.

Não sei se estou a conseguir, mas eu vou tentando que a escola dos meus alunos não seja a escola que eu tive. Não é isso que eu quero. Fui-me identificando com uma linha de trabalho de cooperação entre pares, entre ajudas, entre o ensinar é investigar, entre o Projeto COOPERA, entre o Movimento da Escola Moderna, que me estrutura, que me dá bases para trabalhar com os meus alunos. (E1)

O trabalho que é da escola, é da escola (E1)

No seu entender, os professores têm de fazer um grande esforço de pesquisa, estudo, aplicação e identificação do que faz sentido, porque estão a ajudar crianças a crescer e estas vão, muito provavelmente, exercer uma qualquer profissão que hoje ainda não existe, conclui.

Eu não posso limitar o universo de cada aluno. Vou tentar dar-lhe o maior número de ferramentas possível para que se torne um cidadão verdadeiramente ativo, uma criança e um futuro adulto que saiba estar, que saiba falar, que saiba ouvir, que dê uma opinião muito válida, que saiba participar numa assembleia de escola, que saiba fazer a gestão das suas emoções. (E1)

Acredita que o caminho está neste *potenciar das ferramentas para que cresça da melhor forma possível e se torne um melhor cidadão* (E1). Estes alunos não têm trabalhos de casa, porque a professora não concebe que sejam os pais a ter o seu papel. Os alunos têm um desafio ou uma tarefa ao fimde-semana (por exemplo, uma pesquisa ou uma notícia que tenham ouvido e que queiram explorar). Considera que a ligação das crianças à família se está a perder e que pais, filhos e avós, devem poder desfrutar de momentos de aconchego e de partilha, não de mais obrigações ao fim de um dia de trabalho. Os pais estão conscientes desta metodologia de trabalho e são solicitados a participar em momentos especiais, como os dos aniversários dos filhos, em que participam via Zoom (nesta era pós-COVID-19), ou fazem um vídeo, em que juntam fotos e mensagens de membros da família. É, então, partilhado com todos na sala de aula. Realizam ainda, dentro da turma, atividades relacionadas com a música, com as emoções, com o *mindfulness*, diversificando os momentos de partilha.

Acredita que o caminho está neste potenciar das ferramentas para que cresça da melhor forma possível e se torne um melhor cidadão (E1).

Florescer com Tempo

A ligação da escola com a comunidade que a envolve merece um olhar especial por parte da docente. *A minha escola ideal seria uma escola aberta. O caminho percorre-se partilhando* (E2).

Sala de aula pudesse ser um jardim, um museu ou outro qualquer espaço cultural em que se possam realizar aprendizagens de forma imersiva.

Trabalhando num município onde o associativismo impera, considera que trazer este recurso da comunidade para dentro da escola permitiria usufruir de um conjunto diversificado de infraestruturas, de fontes de conhecimento e de novas abordagens. Fala nisto desde que integrou o conselho geral. É como se, de certa forma, a sala de aula pudesse ser um jardim, um museu ou outro qualquer espaço cultural em que se possam realizar aprendizagens de forma imersiva. O parque da Lavandeira, localizado ao lado da escola e ao qual se tem um acesso direto, é muitas vezes a sala de aula dos seus alunos. Aí podem observar animais, apreciar os sons ou registar o tempo de silêncio. Mesmo a contagem de passos dados até ao parque já serviu para aprendizagens. *Os recursos existem, talvez necessitem de estar um pouco mais organizados entre si e preparados para que as escolas os convoquem* (E2).

Estamos todos muito mecanizados por esta questão do trabalho de manhã à noite e estamos a perder o vínculo aos nossos filhos. (E1)

Os pais têm um papel essencial em todo este processo e é importante que sintam essa responsabilidade, que o trabalho da escola é feito com eles. Para a professora Sónia, faz muito sentido que a família (pai, mãe, avô, avó, ou quem quiser inscrever-se) venha à escola para contar uma história, para partilhar uma experiência ou vivência sobre determinado tema. Entende que seria benéfico se, pelo menos um dos progenitores, pudesse ir buscar os filhos às 15h30, algo que já acontece noutros países onde àquela hora, a escola encerra e a partir daí

é tempo de vida e de qualidade na família. As questões das leis laborais deviam ser muito pensadas. (...) Nós, professores, podíamos fazer, de forma legítima, um alerta à sociedade: atenção que nós estamos todos muito mecanizados por esta questão do trabalho de manhã à noite e estamos a perder o vínculo aos nossos filhos. (E1)

E neste “todos”, inclui-se e agradece à sua família mais próxima, nomeadamente à filha e ao marido, por compreenderem o seu fascínio pela educação e a apoiarem incondicionalmente, legitimando as suas opções.

Tenho o mundo na sala

A população estudantil que hoje frequenta a escola é muito diversa. São muitas as nacionalidades, as culturas, os usos e os costumes. As questões culturais implicam, muitas vezes, a necessidade de trabalhar de forma diferenciada, articulada (professoras, psicóloga, educador social) e sustentada com a família. Culturalmente, *pedir ajuda* e *ser mulher* acarreta desafios. Perceber que há igualdade de género, que as mulheres podem falar, ter opinião e ter um trabalho pode ser um processo difícil, mas é concretizável. Os seus alunos sabem respeitar as diferenças, sejam elas culturais, sociais, físicas ou psicológicas.

Aprende-se melhor quando se está bem

A aula começa e a professora pergunta *como se sentem hoje?* Procura inteirar-se do bem-estar das vinte e duas crianças. A este desafio as crianças e os adultos presentes na sala respondem levantando um objeto (lápis, caneta, afia-lápis...) com a cor verde, amarelo ou vermelho consoante o seu estado de espírito. No final do dia repete a pergunta... e é uma onda verde. Foi interessante observar que estas interpelações não ocorreram por uma curiosidade casuística, de circunstância; procuram, antes de mais, perceber a disposição para a aprendizagem e têm como expectativa melhorar o dia das crianças. Para a professora é essencial sentir que os seus *alunos chegam bem de manhã e saem bem quando vão embora*. Entende que esta gestão da emoção do aluno, ao fim de alguns meses de trabalho, permite que o mesmo seja muito mais confiante.

Ajudar todos os meus alunos (um bocadinho) todos os dias a irem fazendo o caminho deles. (E1)

Posso dizer que olho para os meus grupos de trabalho e sei que tenho ajudado muitas crianças a estarem tranquilas e a irem embora bem. Isso é o que posso pedir, é o que de facto maior gosto me dá na profissão que desempenho – é ajudar todos os meus alunos (um bocadinho) todos os dias a irem fazendo o caminho deles. (E1)

Recorre a tudo o que a escola lhe oferece e reitera que existe um conjunto muito grande de recursos. O momento pode ser difícil, mas considera que já houve outros momentos difíceis e que *um professor não pode ficar estagnado*, o trabalho tem de ser estruturado. *O professor educa todos os dias pelo exemplo*, menciona. *E os alunos olham para o professor como um exemplo*, conclui (E1).

A docente Sónia procura implementar estratégias que promovam a ligação do conhecimento às atitudes, nesta valorização do ser, *da pessoa e de um ser que vive no meio de outro e entende que este é o trabalho essencial que a escola tem de fazer* (E1).

Na abordagem do ensino inicial da leitura, a professora prefere partir do vocabulário que os alunos conhecem, da palavra, da frase que eles pronunciam. *Já ensinei pelo método tradicional, letra a letra, nos primeiros anos em que trabalhei, até perceber que aquilo não tem qualquer sentido e que não resulta* (E2).

Entende que

obrigar os alunos a saber que é um “p” de piu piu ou de popó (algo que ele não diz) não faz sentido algum. Tal metodologia só contribui para tornar as crianças mais inseguras, dar-lhes a entender que ler é uma coisa difícilíssima e que escrever, nem pensar. (E2)

Combate, igualmente, a letra desenhada até à exaustão, reproduzindo vezes sem conta todo o abecedário. Reconhece que o traço é importante, mas que os alunos o podem treinar num desenho ou num contorno. Hoje os alunos escrevem no computador e leem livros com letra de imprensa. A escola tem de se ajustar à realidade: *não se pode perder a realidade e criar o mundo dentro da escola, diferente do mundo que em que os alunos vivem*. (E1)

Tenho [nos alunos] grandes recursos

As turmas estão sempre organizadas em grupo, apesar de existirem momentos de trabalho individual. Estes grupos são heterogêneos e formados antecipadamente pela professora, tendo por base o conhecimento que tem dos alunos na procura do que poderá resultar melhor (aquele que pode ajudar o outro mais vulnerável, num ou noutro aspeto), mas a constituição é comunicada de forma original aos alunos. Por exemplo, com partes de uma história ou de um desenho de uma história ou partes de uma pintura recortada para que sejam eles a descobrir quem faz parte do seu grupo e para sentirem que têm participação no processo.

Foi elaborado pelos alunos um código de cooperação onde incluíram os termos *respeitar, ouvir, escutar e chegar a um consenso*. É um contributo importante, porque há sempre diferenças de opinião; aprendem a chegar a consensos, acabando por ajustar os seus pontos de vista.



Código de cooperação

Há uns anos identificou as quatro funções essenciais no 1.º ciclo para otimizar o funcionamento do grupo; em diferentes momentos da aula, dão uma preciosa ajuda. São elas o *capitão do silêncio*, que ajuda a ajustar o nível de ruído; o *capitão do tempo*, que gere a realização das tarefas, informando, por exemplo, o tempo que falta para as concluir; o *secretário*, que apresenta o resultado do trabalho do grupo à turma e; o *porta-voz*, que dá a resposta que o grupo pensou em conjunto. Estas funções são atribuídas, rotativamente, a cada um dos elementos do grupo. Giram no sentido dos ponteiros do

relógio, a cada quinze dias, o que permite que todos experimentem todas as funções, algo que a professora considera importante: *se num primeiro ano é trabalhosa a implementação e instalação de todas as técnicas e métodos, com o tempo os alunos acabam por as apreender e integrar muito bem, dentro e fora da sala de aula* [E1].

Há um compromisso e uma autonomia que se adquirem.

A disposição física da sala deve favorecer a aprendizagem de modo que os elementos do grupo se vejam mutua-

mente, possam ver e aceder facilmente ao professor, aos materiais e aos outros grupos, mudar de grupo de forma rápida e silenciosa. Observou-se que aquelas crianças se movem no espaço e participam nas atividades de forma graciosa, empenhada e respeitadora dos momentos.

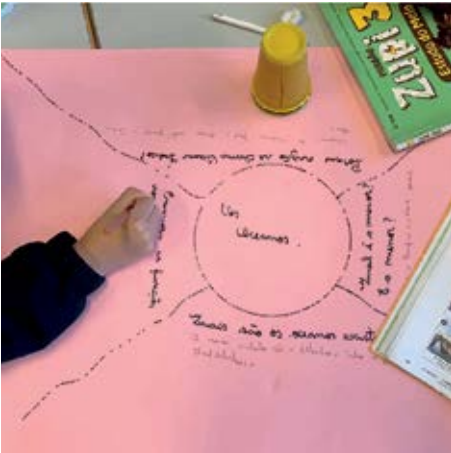
A gestão de determinadas situações que possam ocorrer no dia a dia é consensualizada com os alunos que têm consciência do que é ou não permitido. Por exemplo, não existem interrupções, porque um aluno tem de ir à casa de banho ou porque está a trabalhar ficheiros ou porque se levanta para assinalar a execução de determinada tarefa, em local próprio. À casa de banho todos sabem que só pode ir um de cada vez, o que não significa que é um corrupção. Os alunos vão, quando têm de ir, sem solicitar autorização com dedos ou braços no ar, interrompendo o decurso da aula. E tudo decorre de forma ordeira. Há um compromisso e uma autonomia que se adquirem. Porém, um professor com uma metodologia diferente pode chegar à sala de aula e a interpretar a situação como uma afronta, o incumprimento de regras que desafiam a autoridade do professor. É um choque difícil, reconhece a professora Sónia, mas admite que, felizmente, já tem outras colegas na mesma linha de trabalho.

Esta metodologia inclui um conjunto diversificado de técnicas de trabalho em grupo ou métodos, como se designam na literatura da especialidade e dos quais se destacam:

- **a folha giratória** – existe um tema a trabalhar e uma folha dividida em quatro partes com, por exemplo, quatro questões sobre esse tema. Cada aluno do grupo tem um tempo definido para escrever sobre a questão. Findo esse tempo a folha gira e o colega vê o que o outro escreveu e acrescenta ou corrige algo. A folha vai girando sucessivamente, até que todos os elementos do grupo se tenham debruçado sobre as quatro questões. No final, o secretário apresenta as conclusões do grupo à turma;
- **os copos de três cores** – semáforo, que indica se os alunos estão a perceber (verde), se precisam de ajuda do colega do lado (amarelo) ou se precisam da ajuda do professor (vermelho);
- **o pensar, formar pares e partilhar** – o aluno começa, individualmente, por formular ideias sobre uma questão, discute-as com outro colega e ambos chegam a uma resposta, que partilham com a turma. Por exemplo, quando se coloca uma questão na aula, primeiro o aluno pensa na resposta, depois partilha com o colega do lado e discutem entre si e no fim, estes dois, partilham com o outro par de colegas do grupo e os quatro estão a realizar uma revisão do trabalho; Em alternativa pode haver um passo intermédio de reflexão entre dois pares de alunos. Os quatro acabam por realizar uma revisão do trabalho.
- **as cabeças numeradas juntas** – a cada aluno do grupo corresponde um número (1 a 4). Os alunos discutem durante 2 minutos uma questão colocada. Quando se lança o dado, identifica-se o aluno que dá a resposta pelo grupo. As respostas são validadas e pontuadas (um ponto se a resposta estiver errada; dois pontos se estiver incompleta; três pontos se estiver correta). Nunca há pontuação zero. Os quatro alunos do grupo trabalham juntos para elaborar respostas comuns para o problema ou exercício e todos são responsáveis pelas respostas partilhadas na turma.

O professor funciona como um moderador, observando como decorre o trabalho e auxiliando os alunos que têm mais dificuldade ou que, no decorrer do seu projeto, precisam que a professora valide alguma informação. *Este é o trabalho de sala de aula, é toda a lógica de trabalho desta sala* (E1).

Sónia acredita que a valência da interdisciplinaridade e da monodocência no 1.º ciclo é uma vantagem neste tipo de abordagem. A docente tem tido a possibilidade de trabalhar com a aprendizagem cooperativa numa lógica de continuidade, uma vez que tem conseguido lecionar o mesmo grupo de alunos do 1.º ao 4.º ano de escolaridade e nota a crescente articulação e a facilidade com que os alunos desenvolvem o seu trabalho sem grandes confusões. O facto de trabalharem a relação



Aplicação do método da folha giratória

face a face (ou lado a lado), o olhar nos olhos, o ouvir o outro é muito importante e desenvolve nas crianças competências sociais que considera serem a maior valência da aprendizagem cooperativa. Entende que desta forma se desenvolve nas crianças um sentido de responsabilidade.

Há grupos em que aplicou determinada metodologia e verificou que não funcionava e noutros em que funcionava muito bem. *É uma vantagem, poder ir gerindo e optando pelo que faz sentido para cada grupo turma* (E1).

A docente implementa ainda práticas do Movimento da Escola Moderna, como a organização e gestão em conselhos de cooperação educativa; o trabalho de aprendizagem curricular por projetos cooperativos de produção, de pesquisa e de intervenção; circuitos de comunicação; trabalho de estudo autónomo e acompanhamento individual; trabalho curricular em interlocução coletiva.

Nas reuniões de conselho de cooperação, que se realizam à segunda-feira e à sexta-feira, é organizada a semana e elaborada a agenda semanal, tendo por base o horário curricular. Para tal, são eleitos dois presidentes da semana e um secretário. Os primeiros organizam a reunião da semana, preparam a agenda e registam as inscrições dos alunos que pretendem apresentar uma produção. O secretário elabora a ata. Esta reunião serve igualmente para a preparação dos planos individuais de trabalho (PIT). Cada aluno faz o seu PIT, aproveitando o espaço da reunião para fazer ajustes e determinar as atividades que vai realizar em estudo autónomo. Concluída a preparação dos PIT, para aquela semana, estão preparadas as atividades semanais, embora a turma tenha frequentemente muitas solicitações para atividades que não foi possível prever aquando da realização do plano semanal.

Sempre que há um problema, ele resolve-se conversando e as reuniões de conselho são um local propício para que tal possa acontecer. Todos expressam a sua opinião, contribuindo com sugestões. Sabem também que a resposta está neles e sentem-se parte do que há a fazer. Por vezes, levam o assunto para casa, discutem-no com a família e trazem sugestões. Todas as possibilidades de solução são registadas em ata.

À sexta-feira há uma reunião para que todos façam o balanço dos PIT e das parcerias. As parcerias são estabelecidas na reunião do conselho, entre os alunos que se entreejam mutuamente. O presidente questiona se alguém precisa de ajuda e mediante a(s) resposta(s) afirmativa(s) há alunos que se oferecem para ajudar os colegas, durante as horas de estudo autónomo, sobre as mais diversas matérias.

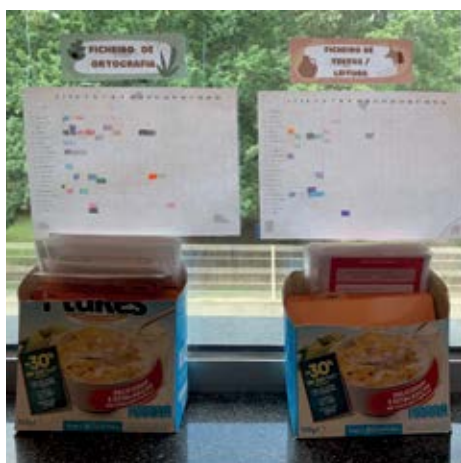
As produções são livres, têm duração de cerca de 30 minutos e permitem a partilha de experiências com os colegas. Os alunos são responsáveis pela organização da sua apresentação, sendo que, no final, todos os colegas dão a sua opinião construtiva sobre o trabalho apresentado.

O tempo de estudo autónomo é estabelecido na reunião do conselho e é baseado no plano individual de trabalho (PIT). Se um aluno precisa de exercitar mais a escrita, dedica o seu estudo autónomo à escrita livre ou à oficina de texto. Existem *ficheiros de desafios* de Matemática, de Português e de Estudo do Meio, que estão à disposição de todos na sala de aula. Foram preparados pela professora, porém os próprios alunos contribuíram para este acervo, inclusivamente os do 1.º ano de escolaridade. Caso precisem de ajuda estabelecem uma parceria.

Os momentos coletivos permitem a construção de conceitos, a análise de dificuldades, a sistematização e o aprofundamento de competências curriculares. Estes momentos podem traduzir-se na simples apresentação de uma história, na partilha de um texto ou na sua revisão.



Apresentação de produção de um aluno do 1.º ano

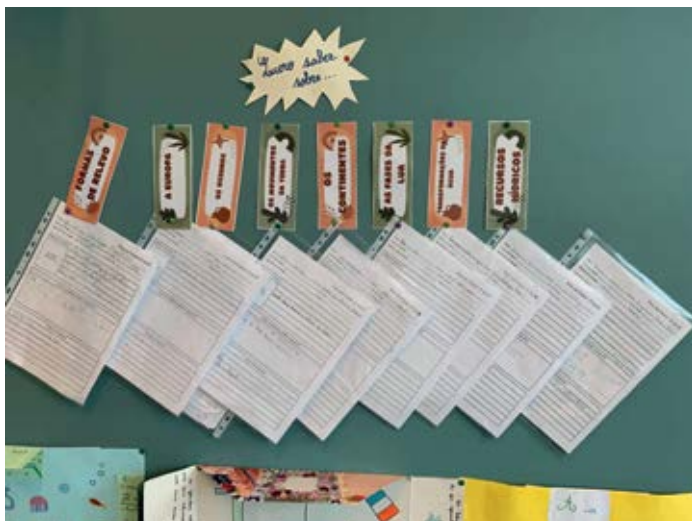


Ficheiros para trabalhar em estudo autónomo

Existe ainda um diário de turma composto por três folhas, cujo cabeçalho assenta em “gosto”, “não gosto” e “proponho”. Nele os alunos registam, ao longo do seu dia de escola, o que é importante, o que gostavam que tivesse acontecido, o que não correu tão bem e o que se propõem fazer. Quando a professora começou a usar esta ferramenta, o “não gosto” parecia o *mural das queixinhas* e estava muito preenchido. O assunto foi discutido em reunião de conselho e os alunos perceberam que há questões que têm de ser resolvidas entre eles e questões que, pelo seu grau de gravidade, têm de ser resolvidas na hora. Foram aprendendo a fazer esta gestão, pois nem tudo é para ser colocado no diário de turma. No “proponho” existem sempre muitas sugestões, umas mais viáveis do que outras, naturalmente. São discutidas na reunião de conselho e registadas em ata. A redação das atas, *para além de ajudar os alunos na escrita, ajuda-os na organização de ideias* (E2).

Os projetos permitem que os alunos investiguem um determinado tema. Habitualmente recorrem aos temas que têm de ser trabalhados naquele ano de escolaridade. Começa-se por identificar o tema. Tome-se como exemplo os oceanos. Cada grupo decide o que pretende saber sobre os oceanos e investiga. Tem, normalmente, três semanas para o fazer, nas horas destinadas para o efeito, no plano semanal, normalmente nas horas de estudo autónomo. No final há um

conjunto de recursos, quer digitais quer em papel, e o resultado do projeto é apresentado à turma nas mais variadas formas: *quizz*, *Google slides*, *placard*, cartolina expositiva, entre outros. Apesar de todos terem um computador, que vai para casa à sexta-feira e regressa à segunda-feira, o recurso ao suporte de papel também é importante para trabalhar a motricidade, a seleção de imagens e texto e o tamanho de letra adequado à leitura, tendo em conta que o trabalho vai ser afixado. Os debates sobre variadíssimos temas são igualmente importantes, por permitirem gerar opiniões. Permitem aos alunos defenderem um tema, independentemente da sua posição, tendo de encontrar argumentos que a suportem. Por vezes, são colocados numa posição em que não gostariam de estar, mas isso permitelhes encontrar argumentos para defender algo que, de outra forma, jamais defenderiam.



Propostas de Projeto

A importância de saber o que esperam de mim [aluno]

O Movimento da Escola Moderna fornece uma série de instrumentos que estão afixados na sala de aula e permitem que os alunos sejam auxiliados *naquela forma de trabalhar*. Sabem exatamente o que se espera deles, aquilo que lhes é pedido, o que se espera daquele dia. Sabem que a oportunidade não é única, conhecem os critérios de avaliação e sabem o que fazer para melhorar o seu desempenho. A professora Sónia acredita que este conhecimento prévio contribui para a estabilidade emocional dos alunos e para um melhor clima na sala de aula, o que acaba por favorecer as aprendizagens. A avaliação realiza-se enquanto os alunos trabalham, ao longo do dia: *a avaliação faz-se todos os dias, a toda a hora. Existem grelhas de observação. Temos tantos instrumentos que podemos utilizar. Até há bem pouco tempo os meus alunos não sabiam o que era um teste* (E1).

Os alunos, quando são confrontados com um problema, procuram soluções e se não a têm no imediato procuram ajuda, seja de um colega ou de um adulto.

Para mim é muito importante que o aluno saiba que, quando tropeçou ou falhou, teve alguém, ali ao lado dele, que olhou para ele e lhe deu a mão. Ele sabe que pode fazer uma parceria com alguém (...) que o vai ajudar naquela hora. É essencial que o aluno não fique fechado nas suas dificuldades e que não vá embora a pensar que não conseguiu pedir ajuda. (E1)

No primeiro ciclo, há a vantagem de o professor ter uma única turma. São cinco horas diárias sempre com os mesmos alunos, o que resulta num conhecimento profundo que permite ao professor, dentro da sua autonomia, selecionar e escolher métodos de abordagem mais adequados ao grupo – *conhecemos muito bem o que é que está por trás de cada aluno* (E1).

**Tenho coisas
que aproveito em cada criança.
Não consegue hoje, conseguirá daqui a
uns meses, tenho de ir ajustando.
Tenho de fazer alguma coisa
por todos os alunos.
Eles estão ali, todos os dias,
não estão em abandono. (E1)**

Diariamente é organizado um plano do dia, que os alunos escrevem no seu caderno diário e do qual fazem o balanço a cada entardecer. Os alunos sabem o que têm de fazer para atingir determinado objetivo e avaliam, eles próprios, o seu trabalho. *Têm noção do percurso que estão a fazer.* Não há alunos com avaliação insuficiente. A docente esclarece: *tenho coisas que aproveito em cada criança. Não consegue hoje, conseguirá daqui a uns meses, tenho de ir ajustando. Tenho de fazer alguma coisa por todos os alunos. Eles estão ali, todos os dias, não estão em abandono (E1).*

A autoavaliação é realizada na reunião do conselho de sexta-feira. Cada aluno pega no seu PIT e revela quantas tarefas tinha e quantas conseguiu realizar, identifica os temas ou conteúdos que trabalhou e os que entende que ainda necessita de trabalhar melhor.

A integração de três alunos do 1.º ano de escolaridade no grupo do 3.º ano, decorrente do pedido dos pais para que os seus educandos usufríssem deste tipo de abordagem curricular, correu de forma serena porque há um sentimento de entreajuda, de partilha, que resulta da aprendizagem cooperativa que a maioria dos alunos vem vivenciando.

Os alunos do 1.º ano de escolaridade demonstraram, ao fim de dois meses de trabalho com estas metodologias, que conseguem desempenhar os papéis que os do 3.º ano desempenham. Apresentam produções, trabalham em projetos e surpreendem colegas e professores. São muito criativos. Um dos alunos do 1.º ano explicou ao pormenor, para toda a turma, como funciona um *laser*, reproduzindo uma explicação que o pai lhe fizera e que ele decidiu que era um assunto interessante para partilhar com os colegas. Os alunos mais novos aprendem com os mais velhos e vice-versa, evidenciando o trabalho realizado com a professora.

Existem várias formas de monitorização dos processos para auxiliar os alunos no seu percurso de aprendizagem e para que tenham consciência do cumprimento de todos os itens estabelecidos. Quando têm dúvidas sobre a sequência das etapas para elaboração do projeto, por exemplo, têm a possibilidade de as consultar num *placard* afixado na sala de aula (planifico, pesquisa, preparo a comunicação, coopero, sou autónomo, tiro apontamentos).

A professora acredita que o facto de permitir aos seus alunos que experienciem todos os papéis, ainda que se sintam mais confortáveis neste ou naquele, permite o seu crescimento e transforma-os em cidadãos ativos.

Eu tenho quatro anos do percurso do aluno, consigo ver os alunos que ao fim de um ciclo, o primeiro ciclo, conseguem estar em cima de um palco com postura de um ator, de uma atriz, com as técnicas de colocação da voz, de levantar o queixo para a frente, de agradecer, de ouvir opiniões, de estar numa assembleia de turma, de trazer opiniões e de as discutir. (...) Tenho realmente pena que depois a continuidade do trabalho [nos ciclos seguintes] fique limitadíssima pela questão dos exames e das notas ... e esquecem-se de tudo o resto. E há tanta coisa essencial que se trabalha no relacionamento social deles. (E1)

Arte e inovação na educação



Eco-máquinas –
Exposição dos projetos
dos alunos

Objetos inúteis podem
transformar-se em arte
– exposição dos projetos
dos alunos



Os projetos Erasmus acrescentam diversidade àquela que já existe nas escolas. Os alunos podem contactar, em tempo real, com colegas de escolas de outros países e aperceberem-se das diferenças culturais e linguísticas.

A forma de aproximar os alunos da comunidade em que vivem, de os levar ao conhecimento e ao contacto com a realidade local é, também, conseguida através de parcerias com instituições. A parceria com a Casa da Imagem, que possui um grande espólio de fotografias do património industrial de Gaia, permitiu, por exemplo, trabalhar questões sobre os direitos das mulheres (uma vez que nas fotografias não apareciam mulheres o que suscitou a questão), a hierarquia (analisando as vestes e a própria posição: o patrão em pé e bem vestido; os operários de joelhos, quase no chão, e com aspeto menos cuidado). Este aspeto da indústria, abordado pela imagem, que existiu no concelho, permitiu aos alunos fazer analogias com o que se passa em Grabovo, na Bulgária (parceiro no projeto Erasmus) onde existe um museu da indústria. Os alunos perceberam que essa indústria conduziu a modificações na paisagem que se foi tornando mais habitada.

A parceria com a Escola Superior de Educação do Porto, igualmente no âmbito do projeto Erasmus, permitiu concretizar o Projeto Eco-máquinas – *pensar, de forma criativa, nos processos de produção de objetos. Trabalhar conceitos de sustentabilidade dos recursos naturais e matérias-primas*. Para tal, foram realizados *workshops* de arte sobre matérias soltas, relacionando-as com as máquinas e com a indústria. Os alunos iniciavam o trabalho com uma matéria-prima, ou seja, a sua máquina tinha de funcionar com a matéria-prima que escolheram e posteriormente foram-lhes fornecidas peças que eles utilizavam para criar a sua máquina que tinha de produzir algo a partir daquela matéria-prima. A máquina os alunos atribuíam um nome.

Na sequência do projeto Objetos Inúteis Podem Transformar-se em Arte, os objetos do quotidiano e os desperdícios produzidos pela indústria foram transformados em obras de arte. O processo incluiu outro *workshop* com a professora de artes, onde

foi dada a conhecer aos alunos a obra de Lourdes Castro e de outros escultores. Foi-lhes proposto que levassem peças soltas de casa (carrinhos de linhas, rodas de carrinhos de brincar, telemóveis que já não tivessem utilidade, etc.). Desses objetos, cada elemento do grupo escolhia um com a ajuda da professora de artes. A tarefa consistia em criar arte baseada nas técnicas de Lourdes Castro.

O envolvimento dos pais e encarregados de educação no processo de aprendizagem dos filhos é, para a docente, muito importante. Neste sentido são pensados projetos que envolvem toda a comunidade educativa como o que surgiu no âmbito do estudo de obras literárias – foi dinamizada uma peça de teatro, baseada numa história escrita por outra professora da escola: *A lagarta da Magrafalândia*. Uma parte da história foi dramatizada pelos alunos, com a ajuda dos professores das atividades extracurriculares: a professora de Oficina da Música criou a música, a professora do Laboratório de Criatividade criou os cenários e os pais colaboraram na colocação destes no auditório. A peça foi apresentada à escola e *já tivemos outras escolas que vieram assistir também ao teatro* (E1).

O tema das profissões foi igualmente trabalhado com a colaboração dos pais. Os que conseguiram estar disponíveis partilharam características do seu trabalho.

Foi engraçado porque tivemos desde a ligação dentro do cabeleireiro, à loja dos animais, à empresa da produção das caixilharias de vidros... E eles viram todas essas realidades e fizeram perguntas ao pai que estava a apresentar. Foi muito engraçada essa atividade. (E1)

Os alunos da turma estão muito envolvidos em projetos da biblioteca escolar, como o Poetando e o Teatrando.

No projeto Miúdos a Votos, que promove a leitura e o desenvolvimento de competências de cidadania ativa, os alunos defendem a sua história, a sua opinião, fazem campanha, discutem e sujeitam-se a uma votação. Já houve anos em que a história deste grupo de alunos saiu vencedora.

A inovação também se reconhece quando a docente, utilizando a plataforma ClassDojo, normalmente no final de cada semana, partilha imagens, vídeos e fotografias de momentos do trabalho realizado pelos alunos, para que os pais possam acompanhar as atividades que são desenvolvidas.

Eu gostava mesmo, por todas as razões, que a câmara que tenho dentro da sala pudesse estar ligada aos pais. Quando eles quisessem ver (porque se faz tanta coisa, aqui dentro, que eu não consigo resumir) o trabalho que aqui se realiza... Gostava de lhes mostrar muito mais, que não consigo. (E1)

A professora reconhece que é importante que os pais entrem na escola, que partilhem o mesmo espaço dos filhos, para que sintam a sua realidade. *Isso dá-lhes, eu acho, uma estabilidade emocional muito grande* (E1), pelo que promove muitas vezes estes momentos na sua prática.

No âmbito do projeto do património industrial, os alunos visitaram a fábrica de lápis Viarco. Cada aluno tinha um guião, onde recolheu informação variada. Com a informação recolhida foi produzido um texto coletivo que, posteriormente, foi dividido em 14 falas que originaram 14 ficheiros áudio, aos quais se juntaram fotografias dos alunos naquela visita. O pequeno vídeo foi partilhado com os pais

No espaço de cinco, seis minutos de vídeo, ficaram a perceber muito daquilo que eles viram naquele dia. São estas pequenas, grandes coisas que se fazem e que chegam aos pais e depois partilhamos também com as outras turmas que não foram, porque as turmas não estão todas dentro dos projetos e esta foi uma ótima forma de as turmas viverem aquele momento da visita à fábrica da Viarco. E foi excecional. (E1)

Estas experiências sobre o património industrial e estes projetos são partilhados com alunos e professores de outros países, no âmbito do projeto Erasmus, o que permite o enriquecimento das práticas dos professores e das vivências dos alunos. Nestes intercâmbios, surgem sempre ideias para novos *workshops* a realizar com os alunos. O balanço de todas estas atividades permite perceber que umas resultam melhor que outras, mas evidenciam o potencial que existe numa escola.

A solução está no olhar conjunto

Sempre que necessário há o recurso a outros técnicos especializados, psicólogos, educadores sociais, terapeutas da fala, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, pais e encarregados de educação. Há uma clara vantagem na existência de terapias na escola. O trabalho entre todos os agentes é articulado, contribuindo para propiciar a melhor resposta possível aos alunos e aos seus problemas ou anseios. Contudo, estes técnicos nem sempre existem em número suficiente que permita responder a todas as solicitações que vão surgindo.

A professora Sónia realça ainda a importância do trabalho articulado com a docente de educação especial e o papel fundamental desempenhado pela auxiliar, que está na sala e que tem permitido uma melhor integração de alunos. O trabalho conjunto com os professores das atividades extracurriculares tem permitido a conceção e desenvolvimento de projetos diferenciados. A turma participou no projeto da Associação Nacional de Professores de Música, por proposta da professora de Oficina de Música, que reconheceu nestes alunos a capacidade, a autonomia e a destreza para aceitarem o desafio de escrever uma letra para uma música do compositor Rodrigo Leão e gravar a canção.

Há que acreditar que vale a pena

As boas práticas são partilhadas com os pares nas reuniões de equipas educativas que decorrem uma vez por mês e em que participam todos os docentes do primeiro ciclo do agrupamento.

Quando fazemos esta partilha, eu sinto que há uma grande fatia dos professores que não vai por ali, mas se calhar há pequenas coisas que ficaram e que até podem ajudar no trabalho que fazem... Sinto a classe docente muito fechada na sua sala de aula e ainda custa muito, a muitos professores, entrarmos nas salas uns dos outros, dividirmos o trabalho e partilharmos o que fazemos. (E2)

Acrescenta que há sempre colegas com quem trabalha em conjunto, porque se identificam com o trabalho uns dos outros. *Trabalho a par com cinco ou seis professores, num universo de trinta* (E2).

**Os olhos da docente
brilham quando alude
que se fosse hoje
voltava a abraçar
esta profissão.**

***A minha história é esta,
mas ainda tenho
um longo caminho para fazer. (E1)***

Reconhece que apesar de:

- o Projeto COOPERA ter surgido no agrupamento em 2010;
- alguns docentes que realizaram a formação nessa altura ainda se encontrarem a exercer funções na escola;
- os esforços do diretor do agrupamento para que o Projeto COOPERA tenha maior projeção, nomeadamente dos encontros específicos anuais;
- a própria ser presidente do conselho geral;
- uma professora do agrupamento ter recebido um prémio *Global Teacher Prize Portugal*;
- existirem cada vez mais pais a questionarem sobre o alargamento da aprendizagem cooperativa,

ainda não conseguimos o que desejamos. Há uma resistência muito grande (E2) na implementação mais generalizada da aprendizagem cooperativa. Num universo de vinte e uma turmas (catorze do 1.º ciclo) existentes na Escola Básica Manuel António Pina, no ano letivo de 2022/2023, apenas três docentes (duas do 1.º ciclo e uma de educação pré-escolar) aplicam a aprendizagem cooperativa, os outros professores não deram continuidade ao projeto.

Os colegas vão ainda muito numa linha de trabalho da escola tradicional e da escola que tiveram. Custa-lhes muito sair fora e afastar-se desse tipo de visão da escola, (...) têm medo de arriscar. Acredito que seja isso. Porque para aplicarmos a aprendizagem cooperativa, assim como todas as técnicas do Movimento da Escola Moderna, é preciso um trabalho prévio e material que tem de ser preparado. (...) O nosso diretor quando tomou posse, há sete ou oito anos, na linha do Projeto COOPERA, tentou que todas as salas do agrupamento tivessem a disposição das mesas em grupo. E logo no primeiro mês os colegas disseram que não funcionava. Acabámos por voltar ao mesmo, à mesma forma de estar. (E2)

A professora Sónia continua a acreditar que é possível fazer a diferença no “renascer” do projeto, para tal pretende realizar a formação de formadores, e posteriormente tentar motivar alguns colegas, a implementarem práticas da aprendizagem cooperativa. Admite que existem docentes dispostos a trabalhar nesta linha, desde que se sintam acompanhados.

Eu tive sorte, tive sempre uma colega para puxar por mim e eu por ela. (...) Há que acreditar que vale a pena. (...) Há pessoas que acham mesmo que vale a pena, que a escola faz a diferença, a diferenciação pedagógica. A escola é a flexibilidade, a monodocência permitenos um manancial de coisas extraordinárias. Nós cruzamos as áreas todas no momento da aula, nós conseguimos ter esta flexibilidade. (E2)

Os olhos da docente brilham quando alude que se fosse hoje voltava a abraçar esta profissão.

A minha história é esta, mas ainda tenho um longo caminho para fazer. (E1)